

DISCUTINDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO COMPLEMENTAR DE ADOLESCENTES DA PERIFERIA.

Emanuele Cristina Santos do Nascimento

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE –
emanuele.cristina1@gmail.com

Vanessa Maria Gomes Barboza –

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE -
vanessabarboza2009@yahoo.com.br

Waneska Andressa Viana de Oliveira –

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE –
waneskaviana@hotmail.com

Resumo: Apresente investigação tem como proposta apresentar a experiência do plano de ação realizado no âmbito educação e gênero junto a adolescentes do sexo feminino, com idade entre 12 e 17 anos, participantes de uma oficina do Programa Escola Aberta – MEC por meio da parceria com o programa da extensão universitária denominado de Programa Conexões de Saberes –UFPE/MEC que visa o diálogo entre a universidade e as comunidades populares. O plano de ação, denominado de “*Garota Esperta*”, foi executado entre os anos de 2010/2011 e teve duração de 12 (doze) meses e teve como objetivo contribuir com a formação educativa complementar de adolescentes, sobretudo no que se refere a educação em gênero a fim de promover a discussão crítica em torno da situação das mulheres na sociedade a partir de uma perspectiva histórica, concreta e de direitos.

Palavras-Chave: Educação, Relações de Gênero, Adolescentes, Cidadania.

INTRODUÇÃO

Ao possuir uma função essencial na formação do indivíduo além do seio familiar, a escola é o local onde ele recebe a educação formal aprimorando habilidades para o mundo do trabalho e desenvolvendo sua sociabilidade. Considerada como ambiente do “saber” e do “aprender”, embora por muito tempo tenha sido cenário de uma educação bancária em que se concebia o aluno enquanto objeto da ação e não

sujeito do conhecimento, não como detentor de um saber, mas como alguém que deveria ser adestrado, educado, posto em ordem. Baseando-se na análise do sistema educacional e na construção de gênero na sociedade brasileira, propôs-se trabalhar com ambas as questões na formação complementar em cidadania dentro de uma perspectiva de gênero e de direito, com adolescentes do sexo feminino estudantes ou moradoras da periferia do Recife-PE, a partir da pesquisa e intervenção no Programa Escola Aberta, na execução de um plano de ação intitulado “*Garota Esperta*” situada no macro campo da formação educativa complementar deste mesmo programa.

Além da experiência particular na área de gênero de cada uma das estudantes executoras deste plano, levou-se em consideração o disposto na Lei 11.340/06, também conhecida como Lei Maria da Penha que prevê no Art. 8 proporcionar assistência à mulher em situação de violência doméstica e familiar e também atuar em medidas integradas de prevenção, neste caso através da educação informal, podemos observar a seguir incisos desta lei que expõe de maneira concisa os objetivos desta ação:

VIII - a promoção de programas educacionais que disseminem valores éticos de irrestrito respeito à dignidade da pessoa humana com a perspectiva de gênero e de raça ou etnia;

IX - o destaque, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, para os conteúdos relativos aos direitos humanos, à equidade de gênero e de raça ou etnia e ao problema da violência doméstica e familiar contra a mulher. (BRASIL, 2006)

Por tais motivos foi selecionado esse ambiente, como sendo um espaço fundamental na formação de opinião cidadania podendo contribuir, fortemente, nesta luta contra o preconceito e discriminação de gênero. A escola escolhida para por em prática essa ação foi a escola Álvaro Lins que fica localizada na Avenida Vereador Otacilio Azevedo nº 4538, no bairro de Nova Descoberta – Zona Norte da cidade do Recife. Nossa visitas a escolas a referida escola ocorreram aos sábados no período da manhã durante a realização do Programa Escola Aberta, projeto da Secretaria de Educação que visa “abrir as portas do espaço escolar” para a comunidade, tendo em vista que a mesma se trata de uma comunidade carente com restritos espaços de lazer, a proposta do projeto é proporcionar “uma cultura de paz” através da união da educação formal com a informal.

Sendo o Programa Escola Aberta um programa destinado à comunidade carente com atividades que são realizadas nos finais de semana no período diurno, as pessoas que freqüentam o espaço escolar nestes dias são em sua grande maioria jovens de origem popular. As garotas que freqüentam o “*Garota Esperta*” fazem parte da oficina de artesanato que ocorre em uma sala de aula é composta apenas por 15 meninas e uma facilitadora de aproximadamente 45 anos que ensina a essas jovens a técnica do crochê e também da tapeçaria.

O comportamento desses jovens é de extrema inquietação, elas falam muito e também muito alto, todas ao mesmo tempo, impossibilitando assim que a facilitadora dessa oficina desenvolvam corretamente seus trabalhos. Percebe-se inclusive que a linguagem utilizada pelas mesmas é bastante informal e que muitas delas às vezes chegam a se insultar.

O plano de ação tinha como objetivo “contribuir com a formação em cidadania dentro de uma perspectiva de gênero e de direitos, de adolescentes do sexo feminino, participantes do Programa Escola Aberta na Escola Álvaro Lins, moradoras da comunidade do bairro de Nova Descoberta e adjacência”. E como objetivos específicos a) Realizar uma Formação Educativa Complementar dentro de uma perspectiva de gênero com oficinas seguindo os seguintes eixos: Mulher e Sociedade, Saúde da Mulher, Violências contra a Mulher, a Mulher Negra, Mulheres e Exploração Sexual; b) Incentivar o Protagonismo Juvenil Feminino na escola e na comunidade; c) Informar sobre os direitos e serviços sociais disponíveis pelo Estado e/ou por organizações da sociedade civil que visem uma melhor qualidade de vida para as mulheres; d) Promover a Escola Aberta como um espaço para a formação educativa complementar. Formação para a cidadania; e) Realizar um levantamento do perfil sócio-econômico-cultural das participantes do Programa Escola Aberta na Escola Álvaro Lins; f) Produção de artigo pela equipe organizadora e socialização do mesmo com os beneficiários e colaboradores.

Como metas esperávamos contemplar de 15 a 20 adolescentes com idade entre 12 a 17 anos; Realizar encontros Semanais nos finais de semana na Escola Aberta com duração de 1 hora; Realizar com as educandas duas ações coletivas no programa escola aberta para socialização dos conhecimentos estudados nas oficinas: - 1(uma) apresentação em painel ao público do Escola Aberta;- 1(uma)

atividade relacionada com a oficina (artesanato: tapeçaria ou crochê) com exposição na escola Álvaro Lins no ensino regular;

1.1. O Programa Conexões de Saberes

A origem do Programa Conexões de Saberes encontra-se no projeto denominado *Rede de Universitários de Espaços Populares – RUEP*, uma ação formulada em 2003 pelo Observatório de Favelas e implementada em 2004 pela Universidade Federal Fluminense – UFF e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, com financiamento do Programa de Extensão Universitária – *Proext/SESu/MEC*.

O eixo fundamental desse projeto foi a criação, no interior das universidades, de uma rede de articulação entre os estudantes oriundos de espaços populares em torno de dois objetivos principais: criar condições para a realização de um processo regular de avaliação do impacto das intervenções públicas nas comunidades populares, sobretudo as dirigidas para a infância e juventude, e formar novos quadros técnicos sociais nesses territórios, capazes de se constituírem como lideranças comunitárias com perfil diferenciado. A rede foi construída a partir do desenvolvimento de projetos específicos nas comunidades, de estudos orientados de metodologia de pesquisa e de formação técnica. Foram selecionados 50 estudantes universitários de origem popular, que atuaram em três comunidades dos municípios de Niterói e São Gonçalo durante um ano.

Esse projeto embrionário de permanência de estudantes de origem popular na Universidade serviu como referência para que, no final de 2004, a SECAD/MEC, em parceria com o Observatório de Favelas, iniciasse o Programa *Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares* em cinco universidades federais: UFF, UFMG, UFPA, UFPE e UFRJ. Atualmente, são 33 universidades que participam deste programa em todo o Brasil. Essas universidades, através de suas pró-reitorias de extensão, são responsáveis pelo apoio institucional ao projeto local, oferecendo uma estrutura física adequada, de acordo com suas especificidades.

Objetivo: Desenvolver ações inovadoras que ampliem a troca de saberes entre as comunidades populares e a universidade, valorizando o protagonismo dos

estudantes universitários de origem popular, e contribuam para a democratização do acesso e permanência no ensino superior público.

1.2. O Programa Escola Aberta

O programa é fruto de cooperação técnica entre o Ministério da Educação e a UNESCO e, em parceria com a Secretaria de Educação, chegou ao DF em 2006. O Programa Escola Aberta – PEA viabiliza em 2010, a abertura de 36 escolas públicas nos finais de semana, oferecendo gratuitamente a seus alunos e a toda comunidade, oficinas nas áreas de esporte, lazer, educação, cultura e formação inicial para o trabalho.

Os objetivos do Programa Escola Aberta são:

- Estreitar os laços entre a escola e a comunidade;
- Favorecer a criação de um clima escolar harmonioso;
- Contribuir para a cultura de paz nas escolas, reduzindo ocorrências de violência escolar;
- Possibilitar a criação de espaços alternativos de lazer, educação, esporte, cultura e formação inicial para o trabalho;
- Melhorar a qualidade da educação.

Como é possível melhorar a qualidade da educação por meio do Programa Escola Aberta?

Impactando na diminuição da evasão e da repetência por meio da:

- Construção de uma escola mais viva, participativa e prazerosa;
- Promoção do diálogo entre os saberes populares e escolarizados;
- Recriação de currículos e metodologias;
- Contextualização e ressignificação do trabalho escolar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. CATEGORIA GÊNERO EM DISCUSSÃO NA FORMAÇÃO

Ao realizar a proposta de executar essa ação toma-se como fundamental compreender o que viria a ser a categoria gênero para que assim fosse oferecido às

jovens noções de igualdade nas relações de gênero. Sendo de grande utilidade para explicar vários costumes e atividades desenvolvidas por homens e mulheres em nossa sociedade, gênero seria um conceito utilizado para compreender as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres, ou seja, relações em que se percebem as diferenças entre os sexos, construtos sociais que determinam desigualdades refletidas. Como afirma Saffioti (1987) “*o estereótipo funciona como uma máscara. Os homens devem vestir a máscara do macho, da mesma forma que as mulheres devem vestir a máscara das submissas.*” (p.40), essa seria uma das propostas do “*Garota Esperta*”, que é revelar a jovens que a condição submissa que a sociedade capitalista impõe às mulheres é algo construído por essa sociedade machista e patriarcal.

É importante entender que a diferença entre sexo e gênero esteja clara, para que se tenha uma compreensão mais acurada das relações sociais de gênero, além de observar a relação existente entre esses dois conceitos, pois sendo o sexo atributos físicos e biológicos direcionados a homens e mulheres, o gênero seria a relação social desigual baseada nessas diferenças. Diante dessa relação entre sexo e gênero, Rubin (1993) diz que ela se fundamenta na capacidade que a sociedade tem de converter a sexualidade biológica em fruto da atividade humana.

Um referencial na abordagem do conceito de gênero é Joan Scott, que ao realizar uma análise que procura explicar a submissão a qual a mulher está sujeita, nesse sentido, a autora diz:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1995).

Nesse contexto, as desigualdades derivadas das relações de gênero são visivelmente refletidas nas relações de poder, que segundo Lisboa (2007) pode ser social, político ou psicológico ou junção de todas, havendo a necessidade de que a mulher conquiste autonomia necessária para superar a determinação histórica de subordinação.

Segundo Fischer e Marques (2001) as relações entre homens e mulheres apresentam um “*caráter excludente*”. Essas relações seriam segundo as autoras

“assimiladas de forma bipolarizada, sendo designada à mulher a condição de inferior, que tem sido reproduzida pela maioria dos formadores de opinião e dos que ocupam as esferas de poder na sociedade”. (FISCHER, MARQUES, 2001).

Tomou-se como uma das bases para a realização das oficinas alguns princípios contidos no “Guia Prático para Educadores e Educadoras”, sendo destinado à educadoras e educadores, este guia tem como objetivo “*apoiar e orientar as pessoas interessadas em promover a igualdade e equidade de gênero na escola, na família[...]*” (USP, 2006 p.15). Ele contém orientações práticas que visam possibilitar que através desses educadores e educadoras, possa ocorrer o combate ao preconceito e discriminação de gênero na escola e em outros setores da sociedade. Embora voltado inicialmente aos CAICs (Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente), este guia pode ser utilizado inclusive em escolas públicas e privadas, e no nosso caso resolvemos aplicá-lo inclusive na formação complementar. A escolha da escola como sendo o espaço ideal para aplicar essas orientações, é explicada pelo fato da mesma representar um importante espaço formador de opinião e o principal para a formação da cidadania. Por conta disso, a mesma pode contribuir, fortemente, nesta luta contra o preconceito e discriminação de gênero.

Tendo esse espaço como fundamental na formação de opiniões dessas garotas, foram levantadas questões básicas sobre as relações de gênero que põe, por exemplo, os homens em posições privilegiadas em relação às mulheres. Foi proposto mostrar que na sociedade patriarcal que estamos inseridas, os homens ainda ocupam a maioria dos papéis considerados “superiores”, enquanto a mulher é representada por papéis geralmente relacionados a atividades domésticas.

Diante dessa realidade, pretendeu-se instruir que meninos e meninas possuem várias habilidades e que as meninas não estão em posição de desvantagem. Ou seja, tentou-se promover através de discussões, da realização de atividades lúdicas, da exposição de vídeos entre outras atividades, o rompimento do sexismo.

Ressaltando a auto-estima dessas meninas procuro-se explicitar que “*mulheres e homens são iguais em muitos aspectos e diferentes em outros [...]*” (USP, 2006 p.37) e embora existam diferenças, não podemos considerar essas diferenças como fatores determinantes da superioridade ou inferioridade entre eles e elas. Por meio do trabalho em grupo, foram debatidas questões de alta relevância social que de alguma maneira esteja relacionada com a igualdade e equidade de gênero.

3. METODOLOGIA

3.1. A Escola e a equidade de gênero

Optou-se pelo método histórico-dialético, buscando apoio na metodologia paulofreiriana de ensino, primando pela educação popular utilizando as experiências e conhecimentos pessoais das participantes como matéria-prima para o processo de aprendizagem e formação cidadã. Através da utilização de recursos áudio-visuais, buscou-se obter um melhor aproveitamento e apreensão dos conteúdos estudados em prol de uma abordagem mais criativa sobre a realidade social e individual em que estão inseridas apresentando as temáticas de modo introdutório.

Visando conhecer o perfil desse grupo mais intensamente, utilizou-se de alguns instrumentos muito importantes, como questionários, desenhos autobiográficos e exposição de vídeos temáticos que complementavam e incrementavam as discussões. Através método utilizado houve a possibilidade de ir além de uma simples exposição de temas, pois as atividades lúdicas que eram executadas possibilitaram que houvesse uma troca de experiências e de conhecimentos, buscando assim o rompimento do sexismo. Por meio do trabalho em grupo, foram debatidas questões de alta relevância social que de alguma maneira estava relacionada com a igualdade e equidade de gênero.

A realização das oficinas possibilitou que os seguintes eixos temáticos fossem tratados: Mulher e a sociedade; Violência contra a mulher; Mulheres negras; Exploração sexual; Mulher e sexualidade. Sobre tais temáticas procurou-se abordar pontos mais relevantes que as explicassem de forma mais sucinta o possível.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A mulher e a sociedade – Introdução às relações de gênero

Esta foi a temática de iniciação a introdução sobre as relações de gênero, e foi marcada pela grande quantidade de questionamentos sobre o que viria a ser a categoria gênero, por apresentarem grande desconhecimento teórico sobre essa categoria e sobre suas relações. Sendo esse tema de profunda complexidade e ausente contato das jovens com o mesmo, essa primeira oficina foi a de maior

dificuldade em haver uma absorção mais imediata sobre o assunto. Percebeu-se que mesmo a facilitadora possuindo grande conhecimento sobre a temática, houve grande dificuldade de compreensão da complexidade do mesmo, sendo necessário trazer exemplos concretos presentes na realidade das mesmas para que assim elas pudessem entendê-lo. Recorremos a utilização de desenhos em que as adolescentes pudessem expressar suas compreensões sobre o que entendiam por gênero e sexo, além atividades lúdicas com brincadeiras e materiais visuais que pudessem expor as desiguais relações de gênero e a condição subordinada que a mulher encontra-se sujeita.

Violência contra a mulher: Nesta temática ficou clara a maior compreensão por parte das jovens e também a existência de um maior contato sobre os pontos abordados. Na realização da mesma utilizou-se um vídeo-clipe (“*Rosas*”) do grupo Atitude que narra a história de uma adolescente de periferia que sai de casa para viver com o companheiro. Sendo essa uma história de amor que leva a morte da jovem por espancamento. Após a apresentação do videoclipe utilizou-se de diálogos para saber das participantes o que elas entenderam do vídeo e se conheciam histórias semelhantes com aquela. As mesmas narraram vivências sobre o assunto e elaboraram desenhos relatando o que foi apresentado. Foi distribuído inclusive materiais de organizações comunitárias locais e governamentais onde se encontrava os telefones de disk - denuncia para as mulheres que sofrem de violência e informações sobre esse problema que afeta a vida de muitas mulheres na nossa sociedade.

Mulher negra : O referido eixo temático foi apresentado por uma participante do grupo gestor tendo em vista que a mesma já desenvolve trabalhos de pesquisas neste assunto. A oficina consistiu na apresentação do vídeo “*Vista a Minha Pele*” onde é narrada uma situação de racismo invertido onde uma menina branca sofre preconceito e tenta se adequar a uma sociedade negra dominante. Observou-se que inicialmente as participantes não conseguiram refletir sobre o que foi apresentado no vídeo, mas através da roda de diálogos pode-se suscitar uma reflexão mais aprofundada sobre o tema, como por exemplo, frases de participantes que nos relataram o racismo que vive diariamente, a negação da sua própria identificação racial e a diferenciação entre negros e brancos no Brasil. Essa oficina

foi bastante proveitosa, tendo em vista que as jovens conseguiram perceber a posição desigual que a mulher negra encontra-se situada.

Exploração sexual : Como já foi relatado anteriormente, a dificuldade de se obter facilitadores que trabalhem na área gratuitamente comprometeu a apresentação do eixo abordado. Sendo o mesmo apresentado por uma das gestoras do plano de ação que consistiu na apresentação do vídeo “*Que exploração é essa?*”, onde é contada a história com fantoches de uma menina que é aliciada para a prostituição e dois caminhoneiros denunciam a situação. Após o vídeo proporcionou-se o debate a partir do que foi apresentado juntamente com outros exemplos ligados a realidades das participantes e vivências das mesmas. Observou-se que embora houvesse uma identificação com a temática e até mesmo relatos em alguns momentos notaram-se certa apatia das participantes devido à falta de experiência da facilitadora com a temática apresentada

Mulher e sexualidade: Na apresentação desse eixo temático foi possível conseguir facilitadoras do curso de psicologia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO, para apresentar a temática as facilitadoras trabalharam a partir de conversas informais com as adolescentes sobre suas próprias relações, namoros, beijos, sexo e montagem de figuras que representassem mulheres e seus parceiros e o que elas entendiam sobre a relação entre um casal. Percebeu-se que as meninas ficaram muito empolgadas com o assunto e que passaram várias informações sobre o começo de suas vidas sexuais e das que já possuíam vida sexual ativa. As dificuldades encontradas foi com o material de áudio visual que foi preparado, pois por problemas na disposição de equipamentos eletrônicos na escola que pudessem realizar a exposição, não houve como expor tal vídeo. Mesmo com essa dificuldade, essa temática foi bastante aceita pelas adolescentes que se mostraram bastantes interessadas pela temática e que tiveram participação ativa na realização da mesma.

4.1. REFLEXÃO ENTRE A EDUCAÇÃO E A RELAÇÃO DE GÊNERO PARA A FORMAÇÃO.

A escolha desses temas se deu visando iniciar e estimular, de forma introdutória, mas problematizadora, a reflexão das participantes sobre a realidade que elas estão

inseridas através de facilitadoras que trabalharam com textos, material áudio-visual, desenhos e roda de diálogos. Sendo esses temas tão importantes e tão presentes na vida dessas adolescentes era de suma importância tratá-los de forma que viesse a esclarecê-las sobre o que cada tema representava e quais suas implicações.

Partindo de uma análise primeira pode-se observar que as adolescentes aderiram a nossa proposta participando ativamente dos debates, produzindo desenhos, textos e nos relatando experiências vividas. Embora seja necessário ressaltar também a dificuldade em manter a atenção das mesmas, o que é comum na faixa etária que as mesmas encontram-se, outra dificuldade do grupo gestor do plano de ação foi conseguir captar pessoas voluntárias (estudantes ou profissionais) que já trabalhassem com os eixos temáticos que estavam sendo abordados, sendo assim, das 05 (cinco) oficinas, 03 (três) foram facilitadas pelas gestoras do plano de ação.

A infra-estrutura para realização do plano de ação era outro impasse. Para que tais atividades fossem realizadas era necessário um suporte que infelizmente não foi disponibilizado pelo Programa Conexões de Saberes e pelo Programa Escola Aberta. A ausência de apoio no que diz respeito ao material de divulgação para a comunidade sobre nossas atividades e na disponibilização de financiamento para disponibilizar lanche as adolescentes foram outros empecilhos vivenciados durante esse processo.

Além da necessidade em divulgar as atividades a serem desenvolvidas era necessário oferecer algum tipo de alimentação para as mesmas, haja vista que sendo esta de uma comunidade carente muitas delas apresentam aparentemente um déficit alimentar. Como nem o Programa Escola Aberta nem o Programa Conexões de Saberes dispunham de orçamento para lanches o que fez com que reduzíssemos o tempo da oficina para que as participantes pudessem retornar as suas casas para se alimentar.

Essa realidade marcada pela miséria é refletida no através do vocabulário que as adolescentes utilizavam nos diálogos que na maioria das vezes era repleto de palavras de baixo escalão e até mesmo palavrões, a escrita das mesmas também se mostra muito deficitária com erros gramaticais que não condiz com a idade e período escolar que elas possuem. Chama atenção também o tipo de vestuário que elas utilizam, roupas justas e curtas onde podemos perceber uma exposição corporal e uma sexualidade exacerbada das mesmas, comum as tendências de grupos de musicas populares que tem seus/as vocalistas vestidas do mesmo modo.

Na avaliação final do plano de ação, fica visível nas expressões e discursos das jovens o pesar pelo fim das atividades e, além disso, como foi enriquecedor as discussões para os esclarecimentos mútuos, tanto de quem organizou e facilitou como de quem recebeu o plano. Entre as temáticas que mais foram bem aceitas destaca-se o tema da *Mulher e Sexualidade* e o menos compreendido foi a *Mulher e Sociedade, que discutia a questão de gênero em si*. Como última ação na escola, foi promovida uma pequena exposição de um painel que explicava através de textos e imagens o que era o “Garota Esperta” juntamente com os materiais produzidos pelas participantes na oficina de artesanato, tendo em vista que todas as adolescentes que fizeram parte desta ação também participavam da oficina de artesanato oferecida pelo Escola Aberta.

CONCLUSÃO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao optar por trazer questões relativas às relações desiguais de gênero a essas jovens percebe-se a ausência de informação por parte das mesmas sobre temas tão presentes em nossa sociedade e de tão profícua importância para as mesmas. Os resultados disponíveis, graças a avaliação processual das oficinas temáticas, revelam a realidade de forma concreta. Desde já, a partir de um diagnóstico socioeconômico temos o perfil das participantes que aponta para a situação de vulnerabilidade econômica (com renda de até 1 (um) salário mínimo, adolescentes na faixa etária entre 12 a 17 anos e baixo nível de escolaridade (apresentando inclusive dificuldades de escrita e leitura) e de raça negra.

Na perspectiva indutiva, observa-se que as adolescentes aderiram a esta proposta participando ativamente dos debates, produzindo, sobretudo desenhos (devido a dificuldade ou a não familiarização com a escrita) que retratam a realidade do cotidiano de cada uma, na assiduidade (observada nas atas de frequência) e nos relatos verbais de experiências vividas. Numa perspectiva avaliativa histórica, as participantes desenvolveram paulatinamente avanços nas discussões dos temas trabalhados quando conseguiram relacionar suas experiências pessoais (campo particular) ao contexto comunitário (campo singular) até o contexto sócio-histórico (campo universal). No final do plano de ação foi realizada uma avaliação participativa com as adolescentes e com aicineira, bastante produtiva em que as

mesmas através de seus relatos, depoimentos esses obtidos através de atividades lúdicas, expuseram sua satisfação em ter participado do “*Garota Esperta*” revelaram inclusive seus interesses em dar continuidade a tal ação.

Verifica-se que o sistema educacional além de não trabalhar a relação de gênero entre os alunos de forma geral, ainda está muito aquém de verdadeiramente ensinar o que se propõem, sendo de extrema necessidade a realização de atividades informais que possibilitem um contato dessas jovens, mesmo que superficiais, com temas tão importantes. Atuou-se no macro campo da formação educativa complementar do Programa Escola Aberta que propõe uma perspectiva preventiva e educativa no espaço de educação não-formal, e a referida ação na escola foi testemunha de que este macro campo não é bem difundido neste espaço, o que pode-se considerar inexistente, pelo menos, no formato que se propõe.

As análises realizadas apontam para a urgência do suprimento de uma necessidade latente da nossa sociedade: a desconstrução de paradigmas machistas e patriarcais que submetem as mulheres à condição de desvantagem social, sobretudo as mulheres negras. Assim, trabalhar este olhar no ambiente escolar torna-se de essencial importância para a contribuição na construção de uma sociedade mais igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL, **Lei Maria Da Penha**. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF, 2006.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**/Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2001.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: Notas sobre a economia política do sexo**, Recife: SOS Corpo, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Educação e Realidade, V.20(2), 1995.

SILVA, Sonia das Graças Oliveira. **A Escola na Formação do Cidadão** – Disponível em: <http://www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/a-escola-na-formacao-do-cidadao-4159/artigo/>, acessado em: 25 de Junho de 2010.

LISBOA, Teresa Kleba. Empoderamento de mulheres e participação na gestão de políticas públicas. In: **Anais II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia**. Florianópolis, 2007.

FISCHER, Izaura R.; MARQUES, Fernanda. **Gênero e exclusão social**. Trabalho para Discussão, nº 113/2001. Ago.2001. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/113.html>>.

USP- NEMGE. **Ensino e Educação Com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência** – Guia Prático para Educadores e Educadoras. São Paulo: NEMGE/CNPq. 2ª ed. revista e ampliada. TecArt Editora, 2006.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **Dinâmica de Grupos Populares** – 8ª Ed.- Petrópolis, Vozes, 1993.

